



Encontros Bibli: revista eletrônica de
biblioteconomia e ciência da informação

E-ISSN: 1518-2924

bibli@ced.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Machado Teles Walter, Maria Tereza; Galvão Baptista, Sofia
OS DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO
BRASIL: ALGUNS RESULTADOS DE ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES
DA PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, vol. 14, núm. 28,
outubro, 2009, pp. 1-37

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14712799002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**OS DOCENTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO NO BRASIL: ALGUNS RESULTADOS DE ESTUDO EXPLORATÓRIO
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO BIBLIOTECÁRIA**
*LIBRARY, DOCUMENTATION AND INFORMATION SCIENCE TEACHERS' IN BRAZIL: SOME
RESULTS OF A EXPLORATORY RESERCH OF PROFESSIONAL REPRESENTATIONS*

Maria Tereza Machado Teles Walter
Doutora em Ciência da informação e Documentação
pela Universidade de Brasília
Analista judiciário - Apoio Especializado – Biblioteconomia
no Supremo Tribunal Federal
terezaw@gmail.com

Sofia Galvão Baptista
Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília
Professor associado e Coordenadora da
pós graduação em Ciência da informação da Universidade de Brasília
sofiag@unb.br

Resumo

As representações da profissão bibliotecária são analisadas sob a perspectiva dos docentes, em estudo exploratório. Os dados parciais apresentados refletem a opinião dos entrevistados acerca de sua percepção dos alunos, do curso, da profissão e dos organismos representativos dos bibliotecários. De modo geral, os professores manifestaram que os alunos não entram nos cursos por vocação, são originários de classes socioeconômicas menos favorecidas, possuem formação básica frágil e não estão interessados na carreira, mas somente no diploma. Apontaram problemas decorrentes da forma como são conduzidos os cursos, do modo como alguns professores atuam e de como trabalham para que os alunos adquiram conhecimentos e mudem suas atitudes.

Palavras-chave: Bibliotecários. Professores de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Formação profissional.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é apresentar parte dos dados da pesquisa de doutorado realizada com o objetivo de compreender o fenômeno da imagem profissional dos bibliotecários e suas representações, sob a ótica dos docentes. Tratou-se de um estudo exploratório e o marco teórico foi fundamentado na Teoria das Representações Sociais, sob a perspectiva de Serge Moscovici.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A coleta de dados foi efetuada por meio de entrevistas e buscou-se verificar as representações dos docentes acerca dos seguintes pontos:

- a inserção de questões sobre: ética, imagem profissional, valores, identidade e mercado de trabalho;
- a existência de conexão e de encadeamento entre os conteúdos das diferentes disciplinas ministradas ao longo do curso;
- a importância, ou não de passar ao discente a idéia de continuidade e de relação entre as disciplinas ou se elas são ministradas de forma estanque;
- a visão dos professores em relação à profissão no tocante ao mercado, postura e influência deles na formação da imagem profissional dos bibliotecários.

O pressuposto que norteou a pesquisa foi de que a auto-imagem profissional dos bibliotecários no Brasil é influenciada por diversos fatores que podem redundar em uma visão mais positiva ou mais negativa da profissão. Desse modo, o levantamento de dados buscou identificar que fatores contribuem para a construção positiva ou negativa da imagem, envolvendo questões relacionadas a salário, motivação na escolha do curso, avaliação do curso realizado, sexo, idade, influência do corpo docente, de outros profissionais, tipo de unidade de informação e atividades realizadas pelos bibliotecários, no caso do presente artigo, sob a ótica de professores.

2 BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

Há vários estudos sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil, incluindo o de Población (1992, p. 1) que reconhece quatro fases distintas:

Fase I (1915 – 1928) – formação de influência européia;

Fase II (1929 – 1969) – mudança da direção da influência européia para o pragmatismo americano;

Fase III (1970 – 1985) – ufanismo nacionalista caracterizado pelo crescimento quantitativo das escolas;

Fase IV (1986 –) – estabilização do crescimento quantitativo das escolas e início do período de reflexão, objetivando a avaliação qualitativa do ensino ministrado a nível de graduação.

Esses cortes refletem, provavelmente, a evolução da formação profissional dos bibliotecários em relação às demandas e necessidades dos mercados e, na última década do século XX, decorrentes do uso das tecnologias de informação.

A história da formação em Biblioteconomia no Brasil pode ser estudada em diversos textos, incluindo o de Castro (2002, p. 27-46), que abrange as décadas de 1950 e 1960, e que afirma que:

O ensino de Biblioteconomia no Brasil teve início em 1915, na Biblioteca Nacional (BN), sem qualquer planejamento curricular e sem perspectiva de atender necessidades alheias a essa instituição. As disciplinas eram oferecidas de maneira estanque e desarticuladas, sendo condizentes com a estrutura organizacional da BN. (CASTRO, 2002, p. 27)

Conforme constata o autor (2002, p. 27), o objetivo desse curso era formar pessoal para a própria Biblioteca Nacional e estruturou-se do mesmo modo que eram subdivididas as suas Seções, cujas disciplinas eram ministradas por professores que repassavam suas experiências. Nesse sentido, para essa concepção de profissional, o que se buscava era o que Castro denominou de “erudito-guardião”. Já em São Paulo, na década de 1920, os cursos iniciados tiveram um cunho mais técnico, visão que prevaleceria como modelo adotado nacionalmente, conforme o ele. (CASTRO, 2002, p. 29). Mas, esse conflito entre a erudição e a ênfase em aspectos técnicos no processo de formação dos bibliotecários parece ter perdurado no tempo paralelamente à necessidade de lutar pelo reconhecimento legal da profissão (SOUZA, 1990, p. 92-98).

Outro estudo sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil é o de Souza (1990), que se distingue de outros, pois, além de mapear o ensino no século XX, contextualiza cada período com aspectos relacionados à política, à educação e à economia, para finalmente analisar a Biblioteconomia. Um comentário de Souza (1990, p. 33) acerca do modo pelo qual as bibliotecas brasileiras se desenvolveram, com o olhar voltado para a elite sócio-econômica, fornece, de algum modo, uma certa dimensão de sua ótica em relação à formação dos bibliotecários no Brasil:

Um aspecto interessante, e assim o Brasil permaneceu coerente com a tradição portuguesa, foi que esse acúmulo de contribuições do século XIX veio a dar base ao primado da técnica. Desse modo, o século XX iniciou-se na Biblioteconomia com uma série de iniciativas visando alcançar esse objetivo, que vem sendo o tradicional na história da Biblioteconomia brasileira deste século: primeiro as normas, depois o acervo e, por último o usuário.

Adiante, ele aponta que o maior interesse da classe era garantir o *status* profissional representado por uma profissão universitária, cuja concentração era em disciplinas como catalogação, classificação, referência, bibliografia organização de bibliotecas e história do livro e das bibliotecas, mas que não se preocupava com os estudos de usuários.

Esta mesma crítica é feita por Fonseca (1992, p. 103) quando, comentando o famoso texto de Ortega y Gasset sobre a missão dos bibliotecários¹, considera que:

Infelizmente a hipertrofia dos processos técnicos fez dos bibliotecários contemporâneos uma nova espécie de mandarins, tão empenhados na discussão de filigranas catalográficas que nem se lembram do nobre objetivo da profissão, admiravelmente definido pelo preceito *servus servorum scientiae*².

Acrescente-se a esse quadro, ainda, a discussão relatada por Castro (2000, p. 142-150) acerca da incorporação da Documentação nos currículos de Biblioteconomia e de que modo esse entendimento permeou a criação e desenvolvimento dos vários cursos no país, que foi diferente do ocorrido em outros países, mas que certamente foram significativos no processo de formação dos bibliotecários no Brasil. Então, em relação à formação profissional, Mueller (1989) e Urrea (2001), com algumas variações, descrevem os aspectos relativos a essa questão que abrangem os conhecimentos específicos, as habilidades e as atitudes necessárias para o trabalho, conceitos que estão inseridos no constructo competência³. Nesse contexto, são apresentadas as funções requeridas para o bibliotecário que incluiriam: a preservação, a educação, o suporte à pesquisa e a pesquisa na e para a área. (MUELLER, 1989)

Mais recentemente, os textos que estudam os bibliotecários incluíram aspectos que se referem à relação dessa categoria com outros perfis, além da maior ênfase no que genericamente se denomina de profissional da informação. Para Feather (1994, p. 141) os bibliotecários são os arquétipos dos profissionais da informação, embora diga que seja freqüente que os últimos sejam considerados e tratados como sendo mais modernos e avançados que os “tradicionais bibliotecários”. Já Marchiori (1996) aborda a interface das diferentes formações, especialmente bibliotecários, arquivistas, jornalistas e egressos dos cursos de processamento de dados, como partes atuantes e integrantes do grupo profissional que poderia receber a denominação de profissional da informação.

Ungern-Sternberg (2002) acrescenta outro olhar para a questão da formação profissional, ao identificar a premência de adaptação de bibliotecários e profissionais da informação às novas relações com usuários não presenciais, a um contexto de mídias cada vez mais diferenciadas e acessíveis globalmente, além de serem capazes de se adaptarem a mudanças.

Essa interligação, conexão e superposição de diversas áreas tem sido a tônica dos estudos acerca dos bibliotecários, em cujo mundo competitivo e ágil devem atuar. Apesar de o conceito de

¹ ORTEGA Y GASSET, José. **Misión del bibliotecario**. 2. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1967. 83p.

² Servo dos servos da ciência. Trad. de Castro (2000, p. 140).

³ Ver Autor e Autor (2008).

profissional da informação não ter se consolidado no sentido de uma definição aceita e utilizada por todos os autores, o que se depreende é que os bibliotecários integram esse grupo, mas não são considerados os líderes dessa categoria. Ao contrário, sua posição é frágil em todos os sentidos em que os temas: formação, perfis e mercados na área de informação são abordados.

Com relação especificamente à formação dos bibliotecários no Brasil, os estudos costumam ser mais localizados e abrangem aspectos bastante amplos como as competências, constructo, conforme dito anteriormente, que abrange os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que os profissionais devem possuir.

A formação profissional é, assim, o primeiro passo na construção da imagem profissional que o indivíduo desenvolverá e, portanto, o papel da Escola e dos professores é fundamental para esse processo. Quanto se conseguirá efetivamente formar pessoal que responda, de fato, às necessidades sociais e que seja aberto e apto a adquirir novos conhecimentos e competências é uma tarefa complexa e que também inclui outros pontos como a legislação profissional, o código de ética e as pressões mercadológicas. Isso sem mencionar, ainda, as tecnologias de informação e de comunicação que alteraram de forma inequívoca o mundo da informação.

A evolução da Biblioteconomia no Brasil é também tratada em texto de Souza (2002, p. 1) que mostra a mudança havida entre a definição de currículos mínimos e a estrutura dos cursos que passaram a ser orientados por Diretrizes Curriculares onde, conforme palavras do autor, “[...] mais que a orientação de conteúdo passa a existir a orientação da formação, o que envolve todos os componentes materiais e imateriais que um curso pode ofertar a seus alunos.”

Em outro texto que aborda o modelo educacional para a Ciência da Informação, Souza (2004) levanta entre as preocupações de manter esse ensino em consonância com as modernas tecnologias de informação a mudança da relação professor / aluno. Para esse autor, se antes essa relação era baseada no sentido um ensina e outro aprende, com o advento das tecnologias, especialmente da *Internet*, os alunos passaram a uma condição diferente, pois têm acesso maior à informação e, conseqüentemente, a mais ceticismo em relação ao que escutam, exigindo dos docentes outra postura com relação ao ensino-aprendizagem. Nesse novo mundo, os professores realizam trocas com os alunos, reciclando-se constantemente, atualizando-se a cada dia, de forma a manter seus conteúdos ricos, atualizados e em consonância com as possibilidades tecnológicas disponíveis.

Retroagindo no tempo, num momento histórico em que as tecnologias de informação estavam iniciando seu ingresso nas unidades de informação Robredo (1989) mostrou preocupação com o ensino/aprendizagem relacionado com as tecnologias de informação, em outra abordagem do

problema, relacionado com os perfis dos denominados novos profissionais da informação. Em seu texto, entre outras questões, Robredo (1989, p. 25-26), tratando da formação profissional dos profissionais da informação⁴, afirma, entre outros pontos, que:

A maneira prática de organizar esses princípios em disciplinas concretas, capazes de integrar currículos específicos, deverá seguir alguns princípios fundamentais:

- a universidade deve mudar sua forma atual de ensinar o que se faz para passar a ensinar como se faz [...];
- os objetivos dos cursos devem ser formulados claramente, em função dos estudantes [...] e não dos conhecimentos dos docentes disponíveis [...];
- o reconhecimento da qualificação para o exercício da profissão de bibliotecário não deveria basear-se na exibição exclusiva do título de bacharel [...], mas na comprovação da experiência e competência profissionais [...].

Polêmicas à parte, outra afirmação feita pelo autor sobre a questão do ensino de Biblioteconomia no Brasil parece reforçar essa dificuldade de manter o curso consoante com as necessidades sociais e com as expectativas dos discentes, além de ter que lidar com os perfis emergentes de profissionais da informação. Não se pode deixar de reconhecer que suas palavras e constatações ainda valem, pois, de acordo com Robredo (1989, p. 20):

Desde meados da década de 60 até o momento, não cessaram de aparecer trabalhos e relatórios, em quase todos os países, sobre a formação dos bibliotecários e dos profissionais da informação. Trata-se da mais clara evidência que existe um sério problema e de que não foi encontrada para ele, até o momento, uma solução satisfatória.

De todo modo, não parece ser um problema por si só, a manutenção dessa discussão sobre o ensino de Biblioteconomia, se pensarmos a sociedade como algo vivo, que muda e que constantemente requer, das profissões, inovações que respondam aos seus anseios. Nesse sentido, Passos e Santos (2005, p. 18) colocam um ponto importante acerca da formação profissional, que tem relação com dois aspectos: a influência da escola na construção da identidade profissional dos indivíduos e o papel dos professores nesse processo, com suas dificuldades, de certo modo concordando com o que Souza (2004) coloca acerca das mudanças de relação entre docentes e discentes, que são assim expressadas:

A questão é que projetamos, em nossos educadores, expectativas que vão além da realidade escolar, envolta em 'rotinas didáticas' a serem cumpridas. Apostamos em nossos educadores como 'arquitetos de identidades', sem considerar os 'limites de sua formação profissional', pois assim como todos os indivíduos inseridos na sociedade globalizada, os

⁴ Em seu texto Robredo (1989) fala tanto sobre os pós-graduados em Ciência da Informação quanto sobre os bibliotecários formados no nível de graduação.

educadores buscam a consolidação de sua identidade profissional. (PASSOS e SANTOS, 2005, p. 18)

Lembrando um pouco as colocações de Robredo (1989), além de fatores concretos como mercado e currículo, outro item importante na formação dos bibliotecários no Brasil é a Lei que regulamenta a profissão. Uma legislação de regulamentação profissional pode ser entendida por dois ângulos: um o de proteção e reserva de mercado e outro de proteção contra profissionais com insuficiência de competências. No segundo caso, são resguardados os consumidores (neste caso de informação). Nesse sentido, as críticas a esse provimento legal não seriam tão duras. Entretanto, o que se observa na prática é que a legislação e os órgãos de classe (Conselhos Regionais e Conselho Federal de Biblioteconomia) atêm-se apenas aos aspectos de proteção e reserva de mercado, sendo menos evidente o outro ponto que é o de fiscalização de exercício profissional, do ponto de vista da qualidade dos trabalhadores.

É provável que os estudantes e as Escolas, conhecedores dessa possibilidade de garantia de reserva de mercado (segundo a legislação, apenas os bacharéis em Biblioteconomia podem atuar e gerenciar as bibliotecas e seus diversos segmentos), considerem esse fator, adotando uma postura profissional que tenha alguma relação com essa relativa tranquilidade. O que é uma falácia. A lei explicita essa exigência para aquelas organizações que recebem a denominação de biblioteca. Se as instâncias superiores tiverem interesse na colocação de outros perfis profissionais para assumirem as funções de lidar com a informação, uma relativamente simples mudança administrativa e organizacional elimina o termo biblioteca e, conseqüentemente, a reserva para os bibliotecários.

Esse fenômeno já aconteceu mesmo em instituições públicas, inclusive, onde modificações dessa natureza são mais complicadas e requerem maior tempo. Um dos casos foi a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, cuja importância e liderança em vários quesitos de prestação de serviços de informação, no passado relativamente recente (décadas de 1980 e 1990), e do papel da informação para a pesquisa não foram empecilhos para a “eliminação” das bibliotecas de quase todos os organogramas das Unidades de Pesquisa e para a criação dos Setores de Informação, terrenos livres para a atuação de qualquer perfil profissional. Os resultados dessas decisões, não apenas na Embrapa, mas em outras instituições, públicas ou privadas, que igualmente optaram por essa alteração, mereceriam ser avaliados nos seus aspectos positivos e negativos e igualmente poderiam se constituir de sinalizadores para os diferentes cursos que formam “profissionais da informação” e bibliotecários.

Sobre esse tema, em forma de ficção, vale a leitura de Stevens (2001), que em seu texto intitulado “*The last librarian*”⁵ conta a história de Amy Cutter, a primeira presidente da *American Information Association*⁶, que substituiria a poderosa *American Library Association*⁷ em 2076. Nessa peça de ficção, iniciada por duas definições de um dicionário, também fictício, sobre bibliotecas e bibliotecários, Amy, que está preparando seu discurso de posse, reconstrói a história de como as bibliotecas e os bibliotecários foram literalmente extintos com o advento dos cursos de Ciência da Informação. Vale a leitura senão como reflexão, como diversão.

Não se quer, com essas constatações, defender ou atacar a legislação, mas, sobretudo, pensar no impacto dela na formação profissional dos bibliotecários no país e do seu aparente alheamento acerca dessas discussões.

Poderia a legislação interferir na postura, no desejo de mudança, de aquisição de novos conhecimentos? Para Blattmann (1999) a mudança – de postura, de funções, de habilidades e de desempenho – somente ocorre quando há consciência de insatisfação pessoal ou institucional. Mas é evidente que não se pode aguardar esse comportamento dos indivíduos, sob pena e risco de as soluções se apresentarem de forma tardia.

O aspecto comportamental é expresso também em Neves e Longo (1999/2000) especialmente no capítulo 5, em que são descritas habilidades do profissional da informação: buscar desafios e encontrar novas oportunidades dentro e fora das bibliotecas; atuar como líder; ter senso crítico; trabalhar bem em equipe e outras tantas. Em Estabrook (1989) essa postura e entendimento de crescimento profissional são compreendidos como aumento do *status*, da autonomia e dos controles sobre o próprio trabalho. Crescimento é também visto, por esse autor, como o reconhecimento de outros pelo valor de seu trabalho.

Guimarães (1997) incluiu, em seu texto, os egressos dos cursos tradicionalmente ligados à informação e documentação, como a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, e também faz um extenso levantamento acerca de atitudes e habilidades que devem possuir para que possam atuar como modernos profissionais da informação.

Há vários autores que tratam das mudanças de cenário no mundo da informação relacionando-as aos requisitos de formação da mão de obra que, embora não se refiram especialmente aos bibliotecários, a eles fazem menção, como parâmetros para as análises (ARAÚJO e FREIRE, 1999; BAPTISTA, 2002; GUIMARÃES, 1997; HENCZEL, 2002; UNGERN-STERMBERG, 2002; URRÁ, 2001).

⁵ NA: O último bibliotecário.

⁶ NA: Associação Americana de Informação.

⁷ NA: Associação dos Bibliotecários Americanos.

Além de identificarem potenciais nichos de atuação, incluem possíveis conteúdos que um profissional da informação deve dominar para atuar na sociedade da informação, caracterizada como sendo aquela em que “[...] a informação é utilizada intensivamente como elemento da vida econômica, social, cultural e política”. (MOORE, 1999, p. 97)

Embora esses textos sejam relativos aos profissionais da informação, mundo que potencialmente os bibliotecários integram, ao fazerem a comparação, parecem tender para a definição de uma hierarquia das profissões. Sob essa ótica, os bibliotecários teriam alguma dificuldade de serem incluídos no grupo de elite, em função dessas “deficiências” em sua formação, que não os estaria preparando para esses desafios.

Para Castro (2000a, p. 10) a formação do bibliotecário atual não o capacita a atuar como moderno profissional da informação por motivos como: a falta de professores com domínio nos diferentes campos requeridos pela Ciência da Informação e pelo fato de a maioria deles ter formação em Biblioteconomia; pela insuficiência de pesquisas e de titulação dos professores; pela ausência de recursos tecnológicos nas escolas; currículos com requisitos baseados em demandas tradicionais de organização de informação; e, finalmente, rigidez na legislação que trata da atuação dos bibliotecários e a discrepância entre os cursos que se denominam de Ciência da Informação e que formam bacharéis em Biblioteconomia.

Essa constatação é verificada em quase todos os textos que tratam do tema formação profissional como, por exemplo, em Beraquet e Valentim (1998) que afirmam: “[...] o profissional da informação não é formado para a realidade do mercado [...]”. Elas, entretanto, fazem a ressalva de que o mercado não deve se constituir de item determinante na formação dos profissionais, mas deve-se buscar desenvolver a capacidade crítica, o espírito inovador, a sensibilidade para perceber mudanças e a preocupação com a investigação constante.

Há outro fator a considerar nesse contexto do bibliotecário e do profissional da informação: se o bibliotecário tem apenas o curso de graduação, os que estão sendo apontados pela literatura como profissionais da informação, de modo geral, parecem ser aqueles com graduação em outras áreas e pós-graduação em Ciência da Informação. E os bibliotecários dificilmente discutem esse ponto. As razões podem ser: desinteresse, desvalorização das suas próprias potencialidades, distanciamento do que a literatura na área discute, sensação de segurança em função da legislação que aparentemente os protege, ou, ainda, pelo desconhecimento do que as pressões mercadológicas e as desses “modernos profissionais da informação” podem redundar para o próprio exercício do trabalho de bibliotecário, no que isso tem de mais estrito.

Se no Brasil a titulação do bibliotecário é obtida por meio de curso de Biblioteconomia, em nível de graduação, com necessidade de registro profissional para o exercício, em outros países, entretanto, não necessariamente. As experiências de formação variam de acordo com o país, podendo se dar em nível de graduação, como no Brasil, na Argentina e na Espanha, ou de pós-graduação, como no Canadá e nos Estados Unidos. No Reino Unido é mais complexo e existem vários graus, conforme dados disponíveis na página da *Chartered Institute of Library and Information Professionals*⁸ podendo ser o título obtido por pessoas que tenham experiência de dois anos e complementem com cursos de educação específica, o que também pode ser realizado por pessoas que tenham outras graduações, ou, ainda, com pós-graduação. Mas eles têm diferentes valores, do ponto de vista de reconhecimento.

Na França, o ensino de Biblioteconomia também não é por apenas uma forma, semelhante ao Reino Unido e também admitem o curso de auxiliar de bibliotecas após um curso de nível médio. Cada um dos graus obtidos permite acesso a um segmento de trabalho, conforme página da *Association des Bibliothécaires de France*⁹.

É provável que os cursos de Biblioteconomia brasileiros conheçam as realidades de ensino no exterior, mas as experiências de incorporação de mudanças no país ainda não se consolidaram. As alterações de denominações em alguns cursos, como, entre outros, o de Campinas, em São Paulo, que retiraram a denominação de Biblioteconomia de seus diplomas, têm causado transtornos em seus formandos que se vêem impedidos de assumir em concursos públicos, pois não conseguem o registro profissional junto ao CRB. Reiterando que não se pretende defender essa ou aquela posição, é importante que os egressos dos cursos não sejam penalizados por decisões que não encontram respaldo na legislação brasileira, que se esse é um fator pacificado junto aos profissionais deveria requerer a mudança das normas de forma a atender às expectativas profissionais daqueles que decidiram seguir o caminho da informação, independentemente da denominação que os cursos possam ter.

⁸ Instituto de Bibliotecas e de Profissionais da Informação, disponível em: <http://www.cilip.org.uk>. Acesso em: 7 fev. 2008.

⁹ Associação dos Bibliotecários da França, disponível em: <http://www.abf.asso.fr>. Acesso em: 7 fev. 2008.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi efetuada em duas frentes sendo uma junto aos bibliotecários e outra, de cunho exploratório, junto aos professores. No caso dos bibliotecários foram aplicados questionários nos estados das Regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste¹⁰ inscritos nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia-CRB¹¹. Com relação às entrevistas foram selecionados cinco professores, sendo um de cada estado dessas mesmas regiões.

Esses docentes deveriam, necessariamente, atuar nos cursos de graduação e não pertencer a linhas de pesquisa sobre o profissional da informação, de forma a verificar de que maneira e se as questões relacionadas com identidades, valores, nichos de mercado, potencial da profissão, entre outros itens, eram tratadas no âmbito das disciplinas ministradas. Outras características como: possuir graduação em Biblioteconomia, sexo, idade, tempo de docência não foram consideradas importantes e não se constituíram de parâmetros para seleção dos professores entrevistados. A seleção dos nomes foi feita pelo ambiente de pesquisa do currículo Lattes¹² e foram contatados cinco professores, sendo um de cada um dos estados das regiões da pesquisa: São Paulo, Bahia, Goiás, Santa Catarina e Distrito Federal.

Em função dos custos, as entrevistas foram realizadas durante o VIII Enancib¹³, além de um professor que havia se disposto a responder a entrevista¹⁴ por correio eletrônico e cujas respostas foram incorporadas.

A análise dos conteúdos foi efetuada utilizando-se o método proposto por Bardin (2007), adaptado em função das características das entrevista. Por esse método, Bardin (2007, p. 56) propõe que após uma primeira leitura, que ela denominou de flutuante, a partir da qual podem surgir intuições com relação às hipóteses da pesquisa, ao conjunto das leituras realizadas para a revisão de literatura e aos temas propostos aos participantes da pesquisa, podem ser feitas classificações e identificadas dimensões de análises.

Outra autora que trata do tema de análise dados qualitativos, Minayo (2007), embasa seu capítulo de análise de conteúdo em Bardin, mas alerta para outros pontos que devem ser considerados no

¹⁰ Estados por região: NE - Piauí, Ceará, Sergipe e Bahia; SE - Espírito Santo e São Paulo; S - Rio Grande do Sul e Santa Catarina; CO - Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.

¹¹ A Região Norte não foi pesquisada em função de o Conselho não ter fornecido o cadastro de bibliotecários e para manter o paralelismo com a pesquisa junto aos bibliotecários.

¹² Disponível em www.cnpq.br, Plataforma Lattes.

¹³ VIII Enancib-Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, em Salvador/BA, de 28 a 31 de outubro de 2007.

¹⁴ Como o contato inicial para solicitar a entrevista foi feito por correio eletrônico, explicando que a mesma ocorreria no VIII Enancib, um professor de Santa Catarina, que não participaria do evento se dispôs a responder por escrito, mas durante o Encontro outro professor daquele mesmo estado foi contato e concordou em participar da pesquisa, sendo ambas as respostas incorporadas.

processo de realização e análise de pesquisas qualitativas. Dentre os pontos que Minayo (2007, p. 299) ressalta para evitar que o pesquisador incorra em erros de interpretação, especialmente se tiver familiaridade com o objeto, destacam-se:

[...] analisar, compreender e interpretar um material qualitativo é, em primeiro lugar, proceder a uma superação da sociologia ingênua e do empirismo, visando a penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade. O segundo obstáculo é o que leva o pesquisador a sucumbir à magia dos métodos e das técnicas, esquecendo-se do mais importante, isto é, a fidedignidade à compreensão do material e referida às relações sociais dinâmicas e vivas.

Para Bardin (2007, p. 37) a análise de conteúdo é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Nesse processo de análise de conteúdo, o pesquisador pode utilizar um conjunto de operações analíticas existente ou por ele criado, adaptado ao material de trabalho. (BARDIN, 2007, p. 37)

Considerando que as entrevistas gravadas tiveram uma dinâmica própria, relacionada com o entrevistado, com as condições dos locais em que aconteceram e com colocações que ensejaram outras perguntas, optou-se por seguir a metodologia de Bardin, mas adaptando à realidade das respostas. Deve-se reiterar que embora houvesse um roteiro, as perguntas não eram tão fechadas para que as respostas fossem prontas e sem comentários dos entrevistados. A análise foi feita, conforme sugere Bardin (2007), agrupando por temas, mas não foi construída uma tabela de assuntos e relações, conforme preconizado pela autora, e a que foi recebida por escrito seguiu os mesmos parâmetros das demais, realizadas pessoalmente. Para facilitar a compreensão e percepção do pensamento dos professores e identificá-los, sem nomeá-los, já que a nenhum foi solicitada autorização de registro dos nomes, sempre que transcritos trechos de suas palavras, foram identificados por Professor A, Professor B, Professor C, Professor D, Professor E e Professor F.

3.1 Perfil pessoal e profissional dos respondentes docentes

As entrevistas foram realizadas com seis professores, sendo quatro mulheres e dois homens, com média de idade de 49 anos, cinco com doutorado concluído e um cursando. Todos atuam na graduação em média há 11 anos, sendo o professor que está a mais tempo na docência tem 23 anos de experiência e os que têm menor tempo atuam há quatro anos como professores.

Dos professores entrevistados, dois possuem graduação em outras áreas – Processamento de Dados e Ciências Sociais – e os demais em Biblioteconomia. O tempo médio de graduação é de 27,2 anos, para cinco professores que informaram as datas de conclusão, apenas dois professores informaram possuir cursos de especialização. Quanto ao tempo de mestrado é de 16 anos em média e de doutorado, considerando que um está em curso e não foi contabilizado, foi de 7 anos. Os cursos de doutorado de quatro professores foram na área de Ciência da Informação, um em Engenharia de Produção e um em Ciências Sociais.

Todos atuam em instituições públicas, de âmbito estadual ou federal.

Embora a pesquisa junto aos docentes não tivesse o objetivo de ser quantitativa, cabe o resgate do trabalho coordenado por Figueiredo (1978, p. 55-63). Por ocasião daquela pesquisa, ainda foram identificados muitos professores sem titulação de mestrado e doutorado, o que, pelas análises das características das escolas¹⁵ e pelos dados dos professores entrevistados, parece ter diminuído sensivelmente, especialmente nas universidades do setor público. Nas particulares, manteve-se o que se identificou na época, com muitos professores apenas graduados.

Com relação ao gênero dos professores, essa questão não foi sequer trazida à tona, para esse grupo ocupacional, e as escolas também se modificaram nesse sentido, diferentemente do constatado pela pesquisa de Figueiredo (1978). Parece que a maioria de docentes ser de mulheres, dado levantado naquela época, se configurou como uma constatação de problema, assim como a literatura técnica aponta para os bibliotecários. Conforme relato do documento: “É de notar-se também uma grande preponderância de elementos femininos nos quadros docentes, sem dúvida um ponto de desequilíbrio para o melhor desenvolvimento da profissão.” (FIGUEIREDO, 1978, p. 59).

¹⁵ Ver Autor (2008).

3.2 Análise dos conteúdos das revistas

A análise foi efetuada de acordo com um roteiro preparado para as entrevistas¹⁶, mesmo que ao longo das conversas essa ordem não necessariamente tenha sido respeitada. Conforme dito anteriormente, os conteúdos foram analisados com base na metodologia definida por Bardin (2007), verificando-se as aproximações de idéias ou a completa diferença entre elas, para as mesmas questões.

Todas as perguntas visavam identificar de que forma temas como identidade, imagem profissional, mercado e valores são percebidos pelo professor, se são relevantes, ou não, se são trazidos para discussão nas turmas ou não, se têm algum efeito na formação profissional dos bibliotecários e se influenciam na imagem que projetarão da profissão.

Em todos os momentos os professores foram solicitados a colocar as visões pessoais acerca do item levantado, mesmo que isso não significasse um posicionamento do departamento ao qual pertencem ou mesmo da proposta pedagógica do curso. Considerando o aspecto qualitativo desse segmento da pesquisa, cujos dados não podem ser extrapolados, era importante garantir a visão particular dos docentes, até porque nem todos possuem a graduação em Biblioteconomia e poderia haver alguma diferença em relação àqueles que possuem esse bacharelado.

Um ponto que deve ser destacado foi que os professores que não possuem graduação em Biblioteconomia demonstraram preocupação com esse fato, evidenciando que não queriam distorcer os dados que pudessem ser obtidos. Foi reiterado, entretanto, que o objetivo era entrevistar professores de graduação em Biblioteconomia e a opinião e a visão que possuem das questões levantadas certamente têm tanto peso quanto dos “professores bibliotecários”, já que essa mescla de diferentes formações parece ser comum a todos os cursos da área. Além disso, outro objetivo da pesquisa era tentar verificar a influência da escola e dos professores na construção da imagem profissional pelos bibliotecários, o que pode tornar relevante a formação do corpo docente.

¹⁶ Ver Autor (2008).

- Formação profissional dos bibliotecários na visão dos docentes -

Esta parte da entrevista tinha por objetivo identificar de que modo os professores introduzem, tratam ou se consideram relevante desenvolver, no âmbito de suas disciplinas, os temas relacionados com valores, atitudes, identidade e exercício profissional dos bibliotecários.

Existem diferentes modos de verificar a abordagem dessas questões em sala de aula pelos docentes. De modo geral, todos os professores informaram que tratam desses temas em sala, embora alguns de maneira mais tangencial, já que argumentaram que as disciplinas que ministram não teriam essa finalidade, mas sim outras dos respectivos cursos. Um dos professores disse que não inclui esses temas nas disciplinas que ministra. Apenas dois professores disseram que esses tópicos fazem parte da rotina de ensino/aprendizagem, independentemente das disciplinas, pois nos projetos pedagógicos dos cursos esses temas não são considerados.

Como essa primeira pergunta incluía várias questões, observou-se que cada docente seguiu por um caminho em sua resposta. Destacam-se alguns trechos dessas colocações, mostrando sua visão, relacionada à atitude dos alunos, que serão futuros profissionais:

O balizador do sucesso profissional bibliotecário sempre será o desempenho, insisto muito nisso, os estereótipos não existem por acaso, reproduzem atitudes de sala de aula, alunos sem iniciativa, desinteressados, incultos, certamente serão profissionais pouco valorizados.
(Professor A)

Sobre essa atitude de os bibliotecários serem acomodados e pouco interessados, a literatura também trata dessa questão e parece que a experiência docente reforça isso. De certo modo, as palavras desse professor encontram eco nos relatos de dois outros quando comentam sobre o ingresso dos alunos nas universidades que está, na visão deles, muito menos voltada a uma questão vocacional que à maior facilidade de passar no vestibular:

Eu nunca vi ninguém chegar e dizer assim: quando eu crescer eu quero ser bibliotecário. Eu nunca vi. Como eu lido com o pessoal da graduação, [...] já [...] pelo menos há uns 6 ou 7 anos, eu faço uma palestra para os calouros [...] sempre faço uma mesma pergunta para eles: porque que vocês estão aqui? Eu falo assim: Quem está aqui é porque quer ser bibliotecário e já conhece a profissão? Menos de 10% levantam a mão. [...] Então eles já entram para ver qual é. Raramente entram vocacionados. [...] Eu quero o diploma de nível superior para fazer um concurso.
Eu acho que esse é o perfil básico, infelizmente, dos nossos alunos. O aluno da Biblioteconomia, e aí volto lá naquela questão minha intenção é trabalhar na entrada, para acabar com isso. É muito atrativo essa possibilidade de entrar aqui. A nota de corte ser negativa é um sintoma muito grave. Atrapalha o resto todo. Qualquer planejamento que

você faz, por mais bem feito que seja o currículo, que tenha laboratório, tenha tudo, você está dando aula para pessoa que não quer aprender aquilo. Ele quer pegar o diploma para poder se candidatar no concurso [...]. (Professor F)

Palavras confirmadas pelo Professor C:

[Entram no curso] Como segunda opção. Geralmente são pessoas que não passam, isso em termos de federal, [...] em outros cursos e colocam a Biblioteconomia como segunda opção e aí eles entram porque precisam de um diploma. Mas é raro. Às vezes você encontra um aluno dedicado. Que tenha orgulho da profissão. (Professor C)

Ou como colocado por outro docente, que acrescenta outros pontos de reflexão para a temática da formação profissional:

[...] eles têm uma ignorância a respeito do que faz um profissional da informação da ciência da informação, mas também do que faz um bibliotecário, aí acho que entra uma coisa assim de imagem meio cristalizada socialmente, ou seja, o cientista da informação seria mais inteirado com o moderno, Internet, tecnologia e bibliotecário o sujeito que só fica ali pondo livro na estante. E aí a gente diz que não é bem isso. O bibliotecário hoje faz uma série de outras coisas, não é, e num certo sentido é um dos funcionários da informação se você for ver, então eu falo para eles entrarem lá e verem a divisão das profissões no MEC essa coisas [...].

Agora o que a gente sempre bate na tecla para eles é o seguinte [...]: em primeiro lugar você não tem que ter uma visão estereotipada da sua profissão, porque tanto a sua profissão como as outras estão em importantes processos de mudança, de atualização.

[...] Em segundo lugar, bem ou mal nós estamos numa instituição pública de sorte que a gente não está oferecendo educação como mercadoria e não estamos atrelados ao mercado. Obviamente que precisamos dialogar, tem que pensar e tem que ver essas perspectivas que estão se abrindo para os nossos alunos. (Professor B)

Sobre a imagem profissional dos bibliotecários e o nível sócio-econômico cultural dos alunos, outro professor colocou que:

Olha, eu acho que isso é muito uma questão do próprio professor. Porque a gente não tem uma disciplina para trabalhar a imagem, mas quando a gente recebe o aluno: primeiro o perfil socioeconômico desse aluno. Ele já vem com um perfil socioeconômico, se comparado com outros cursos, ele é de uma classe média baixa, baixa. Então ele já vem para o curso de Biblioteconomia porque acha que não consegue passar em nenhum outro, não vem com a vocação, não conhece a profissão, vem porque acha que aquela é a única possibilidade dele entrar na universidade. Então a gente já recebe o aluno com uma história de vida não muito favorável.

Eu, particularmente, [...] tento ficar atenta a essas questões e até eles reclamam que eu coloco muito esses desafios para eles. Eles reclamam: Não pode! E eu não aceito não pode antes de tentar! Ah! Mas a gente não vai conseguir. Antes de colocar resistência de que não vai conseguir, tente fazer! Então eu acho que essa questão de trabalhar esse aluno, nós não temos a disciplina, então vai muito de cada professor. Se o professor acredita na profissão, no potencial da profissão, ele trabalha isso muito bem com o aluno. Se o professor não acredita, e a gente sabe que tem professores que não acreditam na profissão, uma decepção,

sei lá o [...] que aconteceu, então acho que aí há tendência de reforçar essa imagem negativa. (Professor E)

Que é semelhante ao depoimento de outro professor, que assim ponderou:

O perfil do nosso curso, que é uma coisa também que a gente tem que trabalhar, não é aquele aluno muito envolvido tecnologicamente não. Eu não sei se estou falando assim meio em falso, mas a sensação que dá é que o aluno nosso é mais para baixa renda, mais para periferia e com ausência de envolvimento tecnológico [...]. Ele não está, [...] nessa coisa de [...], escolas boas, [...], envolvimento tecnológico, micro em casa, banda larga. Não é o típico da turma. Tem alunos que você sente. Ele logo desponta [...]. Porque ele se interessa mais, desempenha mais, tem mais iniciativa. Mas esse não é o nosso perfil. Eu diria que 70% é o contrário. (Professor F)

Palavras que são reforçadas pelo depoimento de outro professor, embora já com uma visão menos negativa, após o contato com a profissão de modo mais integrado e não como usuário da informação:

Quando eu entrei, eu tinha essa impressão que o bibliotecário é o sujeito que bem ou mal está na biblioteca não só guardando livros, mas está intimamente ou quase totalmente relacionado a esse universo da palavra impressa. Obviamente a gente vem destacando que não é isso a própria proposta do curso não vai por aí. Mas o que eu percebo é que a área é bem dividida. Tem gente que é muito criativa e percebe novas potencialidades, experiência em outros espaços, procura agregar coisas e tem gente que ainda é muito normativa, muito quadradinha, embora assuma que esses discursos de bibliotecário hoje mudou etc., na real, na concretude ainda tem referências muito antigas ainda tem uma visão muito normativa, muito quadradinha. Acho que isso e os alunos acabam percebendo. Nas falas dos professores [...], nas falas das pessoas com quem eles convivem. (Professor B)

Uma narrativa importante, pela força de suas palavras e pelas colocações sobre a profissão, foi de um dos docentes que afirmou preferir ser conhecido por ser professor que por ser bibliotecário. Antes, de acordo com sua visão sobre os bibliotecários foi dito que:

[...] a gente sempre tenta levantar a auto-estima do profissional da Biblioteconomia. Mas eu creio que diante de tantos desafios nessa nova sociedade, nesse novo paradigma, o bibliotecário acabou perdendo o bonde da história. Ele quis se proteger através de leis, através de discursos e a proteção da profissão é feita em atitudes, em atos. Então eu acredito que embora todos nós saibamos da importância do profissional bibliotecário o próprio bibliotecário não sabe da sua importância. Então é uma imagem que é uma imagem distorcida e que está se mesclando com as outras profissões. O bibliotecário ele acaba sendo corporativista querendo defender a profissão dele ao invés de se articular com as outras e tornar realmente o profissional interdisciplinar que é exigido pela sociedade. Então essa conversa eu sempre procuro dizer aos meus alunos em sala de aula. Mas olhando pelo meu lado pessoal eu prefiro ser chamada de professora do que de bibliotecária. (Professor C)

Não se pretende com esse destaque, questionar se essa é uma posição certa ou errada, mas de certo modo ela traduz o que a literatura técnica diz sobre a baixa visibilidade profissional do bibliotecário, que induz a pensar que seu *status* é inferiorizado em relação a outras profissões. De toda forma, pelas colocações feitas, esse professor consegue separar seu papel pessoal daquele de formador de opinião. Mas todos aqueles que se sentem desse modo, preferindo a opção de se apresentarem como professores, ou com essa ou aquela titulação ou especialização, conseguirão ter esse discernimento e ainda encontrar meios de buscar construir uma imagem positiva e de confiança na profissão para alunos em formação?

Esse conjunto de depoimentos parece indicar que a reflexão sobre as mensagens subliminares mereceria maior atenção e pesquisas poderiam ser realizadas para verificar tanto se outros professores pensam desse mesmo modo, quando perguntados sobre as respectivas profissões, quanto de que modo lidam com isso em suas práticas pedagógicas.

Há outros olhares sobre essa questão, conforme atesta a transcrição da entrevista de outro docente, que credita aos professores uma influência bastante profunda e que demonstra, pelo conteúdo de suas respostas, as atitudes práticas para que o desenvolvimento de valores, de postura profissional, de identidade ocorra. Perguntado se a postura do professor tinha alguma relação com essas questões, assim foi dada a resposta:

Do professor, eu acho que sim. É uma coisa como liderança, você precisa desenvolver, mas precisa colocar um ambiente em que ele tenha condições de desenvolver essa liderança. Eu vejo que às vezes faltam mais trabalhos para que esses alunos tenham chance de experimentar, essas situações. Eu particularmente faço assim: na apresentação de trabalhos eu peço que eles façam de conta que estão num evento: vão vestidos adequadamente, não fiquem dizendo gracinhas lá na frente, não usem gírias [...]. Eu tento criar oportunidades para que ele se sinta profissional. Independente se ele está na primeira fase do curso ou se ele é formando. Ele entrou para o curso ele precisa começar a despertar para os colegas. Para mim isso é fundamental. E a gente tem colegas professores que acham que não é bem assim. Se colocam numa posição mais superior e eles são alunos. Eu já acho que eles são futuros colegas. E começar a respeitar. Como é que se ensinam determinados valores éticos? O aluno pode fazer? Um aluno pode se portar mal na sala? Não. Tem que começar esse discurso desde o início. Valores a gente não ensina, a gente vivencia. Se os professores começarem a vivenciar isso, os alunos vão absorver. (Professor D)

A preocupação dos alunos com a sobrevivência da profissão foi apontada por dois dos docentes. Um deles falou que esse questionamento ocorre eventualmente:

[...] vez ou outra surge uma pergunta que leva a essa discussão: o bibliotecário vai desaparecer? Professora o que [...] a senhora acha? Ontem assisti a uma palestra e o fulano falou que o bibliotecário está por fora.

Então sempre ocorre. Aí vem à tona essa discussão. Aí eu sempre procuro mostrar da necessidade de o bibliotecário ser criativo e estar atualizado para se articular. [...] A gente procura complementar o programa, com disciplinas que abram um pouco, com discussões que abram um pouco a cabeça, a maneira de pensar. (Professor C)

Palavras que se complementam com o que outro professor disse acerca da disputa no âmbito de mercado em relação à formação:

[...] então a gente fala: vocês vão construir a imagem da profissão de vocês lá fora. Então, uma boa parte do trabalho de vocês inicial vai ser mostrar aquilo a que veio. Vai ser mostrar a capacidade que vocês têm, as habilidades que vocês têm, como vocês podem eventualmente contribuir com a empresa com a universidade com os órgãos públicos, a partir da sua capacitação.

Mas aí é que está, tem que ser capacitado. Tem que ter uma comprovação. Então vocês estudem, ralem, pesquisem. Não interessa exatamente o rótulo daquilo que vocês fazem, mas a competência e a capacidade que vocês têm para oferecer. (Professor B)

Esse tópico de formação se complementa com as várias análises dos docentes acerca dos nichos de mercado percebidos pelos docentes e objeto latente de preocupação dos alunos, relatados em outro tópico.

- Organização das disciplinas nos cursos-

Com relação à organização das disciplinas, outro tópico da entrevista, foi perguntado aos professores se existe alguma articulação entre elas. Os depoimentos ficaram divididos, sendo que três professores relataram que nos respectivos cursos há essa preocupação, enquanto outros três evidenciaram que elas não só não existem como, pela percepção apontada, isso pode ter algum reflexo no exercício profissional, como mostrado na análise dos conteúdos das entrevistas relacionados a mercado. Mas mesmos os professores que relataram ações no sentido de que ocorram, reconheceram que são dependentes de fatores como a vontade dos professores e a disponibilidade de tempo dos docentes para atuarem de forma organizada. No caso dos depoimentos dos Professores B, D e E eles demonstram que existe essa preocupação e ações no sentido de tornar o curso mais fluido, conforme relatos a seguir:

- No início do curso as coisas estavam mais estanques. Entraram os professores aos poucos. Os primeiros que entraram eram justamente aqueles que não tinham formação na área. [...]

Quando a gente conseguiu formar o grupo maior, as pessoas tinham formação na área, [...] deu uma mudada grande na grade, [...] misturou, alterou a disposição das disciplinas na grade, o oferecimento delas, para desde o início eles terem disciplinas de formação geral e disciplinas específicas até quase o final. [...]

A gente tem procurado no decorrer do semestre, [...] tem, em geral, uma reunião pedagógica por mês, tentar tirar os conteúdos, ter uma discussão coletiva dessa grade, [...] já transferiu alguns conteúdos, você trata disso eu trato disso na sequência [...]. Ainda está em processo de afinação, mas tem essa intenção das coisas estarem dialogadas. (Professor B)

- Em sala de aula. A gente tem procurado [...] desenvolver as reuniões por fase, para que cada disciplina tenha tipo um conselho de classe como tinha nos colégios, nós já fizemos isso uma vez e [...] viu que deu certo. Depois a gente passou a, por conta de muito acúmulo de trabalho [...] deixou. Agora [...] vai começar de novo. Se reunir por fases para que os professores passem a integrar os seus projetos, os seus conteúdos, os trabalhos também. (Professor D)

- A gente tenta [...] dar essa correlação entre as disciplinas. Nós tentamos muito. Um exemplo agora foi com os alunos do primeiro ano, os alunos do segundo semestre. [...] Eles têm a disciplina História do registro do conhecimento, que é a antiga história dos livros, administração, Pensamento administrativo, principalmente organização do trabalho e tem a disciplina teoria da ação cultural. Eles mesmos [...] chegaram aqui e falaram: professora, vamos reunir essas três disciplinas e a gente propõe um projeto para avaliação final dessas disciplinas e a gente se propõe a fazer uma mostra de Biblioteconomia e Cultura [...]. Que é o que está acontecendo agora. Aquilo é uma ação dos alunos. E se você pegar a programação você fala: [...] não acredito que foi aluno do primeiro ano que fez isso. Eles trouxeram fiandeiras, eles trouxeram palestrantes de grupos da homossexualidade, das minorias, para discutir [...] racismo, inclusão. Trouxeram pessoas para falar sobre cinema. Então eles conseguiram. A gente pode perguntar: o que que tem administração, com teoria da ação cultural com história do livro e das bibliotecas? Eles conseguiram perceber que para ter ação cultural precisa ter planejamento, precisa de organização, precisa de motivação. (Professor E)

Mas os demais depoimentos não mostraram que existe essa articulação entre as disciplinas dos cursos:

- A articulação entre as disciplinas é sempre almejada, mas sempre acaba ficando na dependência do professor ministrante. Se ele for consciente sempre buscará estabelecer relações, até porque isto gerará mais interesse e facilitará o processo de aprendizagem. (Professor A)

- Olha, muito pouco. O que existe é disciplinas que são pré-requisito. Por exemplo: para você fazer catalogação II você tem que ter passado pela I. Para você ter que fazer metodologia científica você tem que ter passado pela estatística. Mas não existe essa integração. Essa proposta de transdisciplinaridade. De que você corta as disciplinas, que todas elas têm um veio. Não existe não. (Professor C)

- Infelizmente o trabalho dos professores não é nesse sentido. Foi outra coisa que também me espantei quando eu cheguei aqui. [...] eu diria para você que além da concepção curricular integrada, você tem muito pouca coisa nessa direção. Se os professores estão seguindo realmente aquele programa integrado, não é? Porque muitos não seguem. Então tem duas questões graves em relação a esse encadeamento. Os alunos relatam muito isso. Fiz um curso e o outro foi igualzinho, dado por outro professor. As coisas são repetidas. [...] Por quê? [...] A coordenação acadêmica na graduação [...] é mais para apagar incêndio. [...] O aluno não está no foco da prioridade. A conveniência do professor, ou da pós, ou da avaliação da Capes está na frente, entendeu? (Professor F)

- Mercado de trabalho na visão dos docentes -

Outro ponto abordado foi acerca de mercado, nichos potenciais de atuação profissional, percepção dos professores acerca da relação entre o que é ministrado e o direcionamento ao trabalho ou emprego. Conforme os relatos, mesmo que os alunos, de modo geral, pela percepção dos professores, raramente entrem no curso por vocação, demonstram alguma preocupação com o mercado potencial que os absorverá.

A visão de mercado pelos professores tem alguns pontos em comum, mas outros são mais céticos com relação à análise que fizeram. Um dos professores, perguntado sobre a atuação profissional mais adequada para a formação que recebe respondeu: “Acredito que ainda sejam as bibliotecas de qualquer tipo.” (Professor A). Outro professor constata que: “Escolar e público. Com esse currículo: escolar e público.” (Professor C). Pode ser que esses professores não passem aos alunos essa noção de limitação curricular que percebem. Mas se passam, isso pode significar que a visão da profissão pelos futuros bibliotecários seja direcionado para esses ambientes, sem que eles tenham tido a oportunidade de sentir que possuem capacidade para atuar em outros segmentos de mercado. Por outro lado, se de fato os cursos não capacitam o futuro bibliotecário a atuar em unidades de informação menos tradicionais, conforme constatado por esses professores, então a literatura da área e as pesquisas poderiam ter outro direcionamento, no sentido não de criticar a formação, mas de ampliar a discussão sobre a graduação e não apenas na pós-graduação.

E há, também, outros que julgam que o exercício profissional pode ter outros caminhos:

Olha, lá, o que a gente está tentando apontar para eles tentarem principalmente as organizações do terceiro setor, ONGs, fundações, centros de pesquisa, centros de documentação, eu acho o governo com seus diversos níveis, a gente percebe que em muitos casos as prefeituras ali da região estão passando a absorver os nossos alunos. Eles vão fazer estágio: mas o que você faz? Mas que negócio é esse? As pessoas começam a perceber: todos os documentos que estão aqui é uma loucura! E que essas pessoas têm algo a fazer por eles. Os cartórios também, a gente tem uma aluna que trabalhava em cartório, ela fez o nosso curso, se formou, já foi promovida a chefe e os cartórios agora só querem estagiários de Direito e de Ciência da Informação. E os tradicionais. Empresas é um caso a se pensar, a inserção. Muita gente acaba indo para uma zona híbrida entre Ciência da Informação e Administração. Eu acho interessante, acho que as pessoas têm que ter uma formação híbrida. Graduação numa coisa e pós na outra. (Professor B)

Por outro lado, existe o fator utilitário do curso que garante diploma de nível superior à pessoa, possibilitando a realização de concursos públicos em qualquer área. Nesse sentido, o interesse não é no curso, mas no resultado prático que é a obtenção do diploma que credenciará a concorrer em

vagas de nível superior, não importando os conhecimentos prévios, conforme transcrição anterior do depoimento do Professor F.

O Professor E assim se manifestou sobre a questão de mercado, levantando outros pontos, com relação à atuação dos diferentes segmentos e seus níveis de responsabilidade com relação à inserção do bibliotecário.

Olha existe o tradicional. Aqueles espaços tradicionais esses estão garantidos acho inclusive legalmente: biblioteca escolar, se bem que isso não é bem observado, na biblioteca, aí vem a atuação do Conselho. O Conselho deveria estar atento a isso, nas bibliotecas escolares coloca o pedagogo, mas não coloca o bibliotecário. Mas eu acho que nesse espaço tradicional, bibliotecas públicas, bibliotecas universitárias, bibliotecas escolares, isso acho que não mudou não. Isso está garantido. [...] Tem um outro espaço que está se abrindo bastante dentro dessa perspectiva da gestão de informação, informação para competitividade, informação para facilitar o aprendizado organizacional, que isso a gente tem que trabalhar bastante. Como eu te falei dessa nossa iniciativa, a nossa iniciativa de procurar o [...] Programa de Incubação da [universidade], ela teve no mínimo dois objetivos: primeiro abrir espaço de estágio de nossos alunos que optam por essa linha. Segundo sensibilizar o empresariado, o pequeno empresariado, porque ele é quem vai demandar, quem vai contratar. Então ele conhecendo o bibliotecário, quando ele precisar ele vai falar assim, ah! O bibliotecário pode me ajudar nisso! É mostrar na prática o que a gente pode fazer por aquele empresário. E os nossos alunos estão estranhando muito a dinâmica. E nós também. A dinâmica de uma empresa, principalmente uma pequena empresa com uma equipe muito pequena. Geralmente o dono com mais três, quatro funcionários. [...] São coisas muito rápidas. Ah! Ele me pede alguma coisa agora, daqui a pouco não é mais isso. Porque mudou foi numa reunião não sei para onde. E aí desmancha tudo e tem que fazer outras coisas. E as ausências constantes. Porque o bibliotecário está lá presente, o diretor está presente, o pedagogo está presente e o empresário não. Ele está buscando novas oportunidades. Então está sempre em movimento. Então os alunos estranharam bastante essa dinâmica. Mas foi muito interessante. Então [...] a gente teve esse objetivo. Também abrir um possível mercado de trabalho mostrando a esses empresários qual é a competência e a capacidade do aluno. (Professor E)

Pelas suas palavras, podem ser feitas algumas inferências, que dizem respeito aos Conselhos, que embora tenham a incumbência de fiscalizar o exercício profissional não têm condições de realizar esse trabalho, aos professores, que por meio de associações e projetos específicos poderiam contribuir para o maior conhecimento da profissão fora do ambiente acadêmico e aos próprios alunos, que mesmo sem ter certeza se atuarão na área, deveriam ser mais empreendedores e buscar novos caminhos de aprimoramento profissional.

Sobre estágio e trabalho, outros pontos foram trazidos pelo Professor F, que merecem reflexão:

Eu levava uma tecnologia nova que eu aprendi aqui [na universidade]. Aqui parece que é o contrário. Eles vêm lá fora o que funcionou [...] e porque resolveu ele [...] tenta até trazer para cá para resolver desse jeito no projeto deles numa disciplina especificamente. É interessante como ele não reconhece essa maior importância do que é visto aqui em relação ao que é visto no mercado. E mercado tem uma solução: para aquela biblioteca, naquele momento e naquela circunstância ali, não é? E a gente não dá isso. [...] E acho que não tem que dar mesmo. Mas em alguns momentos eu acho que a relação graduação estágio

[interrompe o pensamento] eu acho que tem muito mais coisa para ser explorada aí. [...] eu tentei proibir o estágio não curricular.

Houve muita reclamação, mas eu consegui proibir para quem estivesse entrando. [...] O estágio para mim hoje ele prejudica o desempenho [...]. Ele desarruma os fluxos de disciplinas todos lá dentro. Porque o estágio hoje tem mais prioridade do que o curso. Ele prefere fazer uma disciplina à noite [...] que o cara vai falar alguma coisa que não tem nada a ver com ele, mas é obrigatório e ele pode substituir disciplina da manhã e que tem a ver com ele, para fazer um estágio [...]. E depois ele se vira, depois ele vê como é que é a história, entendeu? [...] Porque é o contrário, para mim o estágio é a aplicação do aprendizado que você teve aqui.

E a pessoa que dá o estágio tem que ter essa consciência: [...] o que que esse cara viu e como é que eu posso encaixar aquilo aqui? Eu acho que o pessoal que dá estágio hoje não está preparado para isso. O pessoal que recebe os alunos para estágio está preocupado única e exclusivamente em resolver o problema dele ali: eu tenho alguém que toma conta disso, eu tenho alguém que está no balcão ali e ele resolve o problema de mão de obra. E não é esse o propósito do estágio. Eu acho que estágio precisa ser totalmente repensado. [...] Eu acho que o estágio hoje atrapalha. No início, ele atrapalha mais do que ajuda. A única ressalva que o pessoal faz é por conta da baixa vocação: o estágio anima [...] a continuar no curso.

Mas ele vai continuar com prejuízo da formação. Por quê? Porque ele viu o estágio primeiro, depois ele viu a parte teórica aqui, não gostou e pega o modelo do estágio como sendo a solução para ele. Se for assim nós precisamos de cursos técnicos, não precisamos de universidade. [...] faz uma escola técnica boa e pronto. A gente vai fazer pessoas que são capazes de pegar um manual e seguir aquele manual. Não vão pensar em como fazer alguma coisa na indexação, na classificação. É assim vamos treiná-los a serem bons técnicos em Biblioteconomia. É ótimo se o mercado estiver precisando disso, aí R\$1.500,00 é razoável. Eu faria um curso de 1 ano, 1 ano e meio para ser um indexador, um classificador. Cada curso de acordo com o que o mercado precisasse. E pronto. Aí eu acho que dá. (Professor F)

Deve-se lembrar que estágios de Biblioteconomia são, de certa forma, um problema complexo. Se por um lado poderiam representar aquisição de conhecimentos por meio do aprendizado em ambiente real de trabalho, por outro, observa-se, conforme constatado pelo Professor F, que raramente as organizações estão preparadas para recebê-los tendo essa perspectiva em mente. Os bibliotecários recebem os estagiários e fazem um treinamento específico para que desempenhem essa ou aquela função. Raramente situam o aprendiz no contexto da organização, raramente informam em que parte do ciclo documental aquela atividade se encaixa, dificilmente demonstram a importância daquela atividade para a organização e normalmente atêm-se a informar sobre aquele ponto específico do trabalho, sem ampliar as fronteiras de conhecimento do estudante. Caberia investigar, também, até que ponto o próprio bibliotecário, como disse o Professor F, tem consciência de todas essas questões e se ele próprio pensa em suas atividades de maneira holística ou se sua percepção do exercício profissional é mais focalizada nas atividades de seu segmento específico. E, finalmente, se de fato a formação profissional recebida é que o condicionou ao pensamento menos amplo de seu trabalho.

Essas ponderações têm relação com a pergunta sobre a forma mais segmentada com que as disciplinas são ministradas que o Professor C percebe se reproduzir no exercício profissional, conforme suas palavras:

É uma profissão que ainda está bastante segmentada, positivista. E nesse sentido ela restringe até a criatividade do profissional. Toda vez entro em sala primeira vez que vou falar em temática eu passo na lousa o processo como um todo. Para depois eu falar olha nós vamos falar desse pontinho. Mas esse ponto tem a ver com esse e com esse.

[...]

Eu percebo que eles não sabem que são coisas concatenadas. Pelo menos aqui [...].

[...]

Acho que transporta para o exercício. Eu já conversei com bibliotecários formados que não são professores, mas que atuam na profissão bibliotecária, que eu vejo que têm um discurso desconectado. Que se atrapalha com essa terminologia nova. Não se atualizou, à vezes não por causa dele, mas por dificuldade mesmo e também não consegue fazer essa integração, que é o que a gente propõe hoje em dia toda a educação ela tem um fundamento interdisciplinar, multidisciplinar, sem estereótipo.

Mas o bibliotecário ele é compartimentalista. (Professor C)

Segundo relato do Professor B, essa situação também é percebida pelos alunos quando fazem estágio:

Tradicionalmente pelo que eu tenho observado ainda está muito estanque, ainda tem pouca fluência, ainda tem pouca comunicabilidade dessas coisas. Lá mesmo no campus, a gente tem uma biblioteca central e a gente percebe isso. Os alunos vão estagiar e eles dão esse retorno [...]: Ah! não lá é tudo muito separado, quadradinho, o pessoal não informa, a gente tem que descobrir. Deixa a desejar um pouco.

- Influências percebidas pelos professores relacionadas a escola, estágios, atividades, instituições –

As perguntas desse bloco tinham por objetivo verificar, na percepção dos professores, se a imagem profissional dos bibliotecários sofre influências de diferentes agentes, como a própria escola, os professores, os profissionais que fornecem estágios, as instituições em que trabalham, as atividades que desempenham, ou outras que potencialmente poderiam ser apontadas.

Como esse grupo de perguntas não foi formulado de modo separado, não foi possível perceber alguma tendência de pensamento com relação aos vários itens abordados, até porque, conforme relatado anteriormente, as entrevistas seguiram mais as colocações que iam sendo feitas pelos professores que o roteiro.

O Professor A, por exemplo, reforçou que a escola tenta sempre estimular o aluno a perceber o potencial da profissão, mas nem sempre tem sucesso:

A importância dos bibliotecários na sociedade da informação e a responsabilidade social desse profissional são incessantemente ressaltadas em várias disciplinas desde a 1ª fase do curso e isso tem reforçado uma auto-imagem mais positiva, pena que as ações nem sempre correspondam com a auto-imagem projetada. Pensam que são importantes, mas não agem para que isso tenha correspondência efetiva. (Professor A)

Para o Professor B parece existir uma influência do tipo de instituição em que os bibliotecários atuam, o que confirma os dados identificados nos questionários dos bibliotecários¹⁷ que mostraram que aqueles que atuam em bibliotecas públicas tendem a ter uma visão mais negativa da profissão. Conforme suas palavras, essa influência existe até mesmo para os estudantes:

Dependendo do meio em que ela se insere, por exemplo, lá [...] uma coisa que tem um peso simbólico muito grande na cidade é a Faculdade de Medicina. [...]. Então o pessoal que trabalha na medicina tem aquela aura. Então às vezes tem essa coisa não sou só bibliotecário: vou trabalhar na medicina [...]. Então o pessoal que está fazendo estágio, está fazendo pesquisa, tem outro posicionamento. Diferente do pessoal que vai trabalhar numa biblioteca escolar, por exemplo. Então eu acho que tem uma transferência de *status*. [...] É uma questão simbólica mesmo. Eles têm a mesma bolsa, mas está situado num locus diferenciado.

Essa percepção de influência de atividade que realiza é mais claramente identificada pelo Professor C, que aponta as atividades mais tradicionais como menos valorizadas pela sociedade, não necessariamente pelos próprios bibliotecários:

Tem. Quem trabalha com gestão tem um arquétipo melhor na sociedade que quem trabalha com catalogação. Acho que a gente conserva muito essa coisa do positivismo de hierarquizar e valorizar algumas disciplinas. A época passada era de física, matemática que era valorizada. [...] Acho que também as funções do bibliotecário [...] também: ele é catalogador. Ah! ele trabalha com gestão. Olha que chique! Gestão é chique! Porque ela tange na administração. Ela já fala a linguagem capitalista, a linguagem de mercado. A sociedade que a gente vive ela valoriza (ou banaliza?) mesmo. Porque essa coisa de massificação ela banaliza até as profissões. Nós não temos mais o bibliotecário tradicional, aquele conhecido guardião etc. Nós temos o pacote, aquele que pode ser descartado, porque cada hora tem uma novidade que supera o trabalho dele. Então se ele não se dedicar a um trabalho de relação pessoal, de potencializar a informação ele não vai conseguir ficar meramente na sua técnica. Por isso é que acho que a gestão dá uma sacudida nele como profissional.

¹⁷ Ver Autor (2008).

Para o Professor D, essa influência tem relação muito maior com o interior da profissão, que propriamente um reflexo da percepção social, que se manifesta se o público percebe que está sendo bem atendido por aquele profissional:

O status eu acho que é muito mais entre nós: a bibliotecária da biblioteca da instituição tal. Puxa deve ganhar!!... Da biblioteca escolar da escola tal. Mas para a comunidade que está tendo acesso a esses serviços se ele for uma pessoa que recupera bem informação, que dissemina bem, que ele se faz presente, ele é importante. Nós temos bibliotecários muito bons na área pública, na rede pública de ensino e tem outros bibliotecários que trabalham em universidade particular, que tem recurso e não faz o mesmo nem um quinto do que aquele lá daquela biblioteca simples lá está fazendo. Aí eu penso: dependendo do quê? É do conhecimento ou é da disponibilidade da pessoa? Liderança, empreendedorismo, inovação, sensibilidade com o público que ela está servindo.

Outro fator identificado pelo Professor C foi com relação à influência dos professores: “O professor que é apaixonado pelo que ele faz [...] consegue transmitir mais do que o que é tecnicamente preparado. Então o professor influencia muito na imagem que o aluno vai ou não ter da profissão.”

Já para o Professor D, a influência dos professores sobre vários aspectos, como imagem, postura, ética, percepção profissional, parece ser uma questão bastante clara que permeia quase todas as questões propostas. De acordo com vários pontos de sua entrevista, percebe-se que essa consciência está muito presente em suas colocações. Essa parece ser a mesma visão do Professor E, em cuja entrevista também essa postura ficou evidenciada, inclusive nas ações de colocar o curso no mercado, por intermédio de parcerias e estágios que potencialmente permitem que segmentos não tradicionais percebam as possibilidades de atuação dos bibliotecários.

Com relação aos organismos de classe, o Professor B não fez nenhum comentário específico. Com relação aos demais professores, assim foram as manifestações:

- Aqui [...], a Associação dos Bibliotecários, procura oferecer cursos de atualização profissional, promover eventos, audiências públicas e com isso possibilitar o reconhecimento social da profissão. (Professor A)

- É difícil falar nessa questão. Mas eu acho tanto os Conselhos como os sindicatos muito corporativistas, pouco eficientes. O Conselho não dá conta de cumprir o que ele tem que cumprir. Fiscalizar a profissão. Como que você vai fiscalizar a profissão se [...] não tem dinheiro. Sinceramente não gosto da atuação dos Conselhos de classe, fui conselheira duas gestões, em São Paulo, fui da comissão de ética em São Paulo. Mas acho que os conselhos acabam por transmitir uma imagem negativa da profissão. Justamente porque querem se fechar em corporativismos. Sindicatos é só aquela visão trabalhista mesmo. As associações eu acho que acaba sendo mais democratizada. Os Conselhos ficam sendo mais elitizados. O diálogo nas associações é mais intenso. (Professor C)

Enquanto que para o Professor D, embora a formação seja influenciada também pelos organismos de classe, pela sua percepção, existe um nível de responsabilidade de cada um, que contribui para a construção da imagem profissional, o que inclui escola, bibliotecários que fornecem e orientam estágios e organismos de classe:

- Eles reclamam muito, reclamavam muito que a associação não dava espaço para eles. Eles estavam fazendo, mas. [...] Acho que tem limites. Nós podemos ajudá-los em termos de conteúdo e a desenvolver essa postura. A prática disso vai ser nessa arena fora. Que é na associação. E os estágios ajudam muito porque as pessoas estão trabalhando. [...] E aí se eles vêm que naquele trabalho as pessoas são respeitadas, têm uma postura, aquilo reforça o que a gente falou. Não tem um peso maior. Acho que é dividido, compartilhado esse peso. (Professor D)

Para o Professor E, embora a Universidade procure fortalecer uma parceria com a associação, seu relato é de que os profissionais são pouco atuantes. Segundo sua percepção, esse fortalecimento da associação é importante inclusive para que a associação possa lutar pelos interesses profissionais e sociais, já que na própria capital do estado em que atua, nenhum dos órgãos possui o cargo de bibliotecário e os salários pagos aos profissionais não são altos. E, conforme suas palavras, “Então fica complicado você trabalhar questões salariais, questões até da educação continuada desses profissionais se você não tem esses movimentos associativos.”

Quanto ao Professor F, para ele o Conselho pertence a uma esfera normativa que é obrigatória, então poucos bibliotecários falam sobre ele. Quanto à Associação, segundo suas colocações, não há relatos sobre ela. Por outro lado, assim como o Professor D, este professor, conforme mostrada sua visão anteriormente, acerca dos estágios, tem posições bem críticas e que poderiam ser mais exploradas e estudadas de forma que a responsabilidade desse segmento pudesse ser exercida com maior eficiência. Mesmo se considerar a outra variável desse estágio, que é a remuneração, já que esse mesmo professor e o Professor E reconhecem que seus alunos pertencem a camadas socioeconômicas mais carentes e que essas bolsas podem ser um diferencial bastante significativo na vida de seus familiares, a exploração dessa formação mereceria ser realizada de forma mais integrada com o ambiente da universidade, em programas e avaliações conjuntos. Não se pode deixar de reconhecer a propriedade das palavras do Professor F quando critica a miopia dos alunos ao não atribuir o grau de importância devido à teoria aprendida na universidade, em contraposição às práticas dos estágios. Segundo sua percepção:

Quando o nível intelectual é baixo, uma aula teórica ou um esquema não muito específico, esse nível de abstração eu acho que falta: [...] eu estou aprendendo uma coisa que não vai

resolver aqui e agora em lugar nenhum, mas que depois eu vou poder adaptar para [outras realidades], quando chegar o momento lá na frente. Ele não tem essa visão.

[...]

Aí quando ele vai num lugar que é muito mais simples: olha você pega isso aqui bota na estante, ele ah! Entendi! Agora sei! Agora estou seguro [...]. (Professor F)

Antes, esse Professor já havia discutido, também, a competência dos bibliotecários que orientam os estágios e sua preparação para essa função:

[...] em algumas disciplinas eles relatam que: olha eu aprendi mesmo foi no estágio. [...]. E aí isso me faz pensar o seguinte: com quem será que ele aprendeu? O que será que ele aprendeu que foi tão melhor, do ponto de vista dele, do que o que ele viu aqui? Será que foi a forma como foi colocado? Será que foi a simplicidade do que foi colocado? Aquela questão da prática e não do quando você está numa aula explorar todos os lados que a teoria tem, para você depois um dia sozinho resolver. (Professor F)

Assim, mesmo de formas variadas, em graus diferenciados e independentemente de um posicionamento positivo ou negativo com relação a cada um, percebe-se que todos os professores reconhecem que a formação e constituição da imagem profissional que o bibliotecário constrói sofre influência da escola, dos professores, dos orientadores de estágio, dos organismos representativos de classe e da instituição em que atuam.

Nesse sentido, é oportuna a colocação do Professor B, quando perguntado sobre sua percepção em relação à existência de uma identidade dos bibliotecários. Conforme suas palavras:

Eu acho que tem dois universos, tem o universo da prática profissional e aí eu acho que os Conselhos exercem um papel importante nesse sentido de dar uma unidade dar uma cara, então acho que essas pessoas sim se vêem em alguma medida, em grau maior ou menor como possuindo uma identidade. Agora no universo acadêmico acho que é um balaio de gatos. As pessoas têm falado pela área muitas vezes não estão falando da posição da área, mas da posição delas. Se você conviver com as pessoas dos diversos cursos, são preocupações muito distintas, práticas muito distintas. As próprias inserções funcionais são muito diferenciadas, então um curso está Faculdade de Economia, outro está na Faculdade de Comunicação, outro está na de Educação [...] no Departamento de Física e Matemática. (Professor B)

Independentemente de se considerar uma responsabilidade excessiva para os professores que já possuem tantas atribuições, eles parecem ser, ainda, os mais importantes nesse contexto e que poderiam realizar algum tipo de trabalho de coordenação dessas diversas áreas. Essa coordenação não tem um sentido autoritário, mas fundamentalmente de acompanhamento desses graus de influência, correção de rotas, estudos sobre a influência dessas inserções funcionais dos cursos que formam os bibliotecários em todo o país e estímulo para que os alunos aprendam a atuar em equipes

e que isso forme laços que perdurarão quando do ingresso na vida profissional. Essa experiência de se ver pertencente a um grupo, a uma organização, a uma profissão, a um segmento de atuação pode ser produtiva no exercício profissional, traduzindo-se em equipes que discutam e atuem de forma cooperativa, complementar, respeitando-se as diferenças, estimulando os pontos fortes e corrigindo os pontos fracos, criando, enfim, uma identidade profissional dos bibliotecários no Brasil. Pode ser que dessa forma, os reflexos da atuação dos profissionais não se traduzam pelo reconhecimento de um ou outro bibliotecário, mas de uma categoria profissional que tem um conjunto de competências a oferecer, o que leva ao questionamento do módulo seguinte, que trata da visão dos professores acerca do reconhecimento social para a profissão e seus profissionais.

- Reconhecimento social da profissão na visão dos docentes –

É recorrente na literatura técnica da área de Biblioteconomia que os autores expressem, seja por uma posição pessoal ou reproduzindo as falas de seus entrevistados, que a profissão bibliotecária não é reconhecida socialmente. Esse reconhecimento social não trata apenas do conhecimento da profissão, traduzido pelos muitos relatos que mostram que é comum a pergunta “Biblio o quê?”¹⁸, mas pelo grau de importância atribuído aos fazeres dos bibliotecários. Sobre essa questão, assim se manifestaram os professores:

- Alguns profissionais são reconhecidos e são por vários motivos: alguns pela competência, outros pela simpatia, outros pela capacidade de dar atenção a usuários carentes (alunos de pós-graduação em geral). Depende da pessoa. (Professor A)

- Não, eu não acho que é ela reconhecida não. Pouco valorizada, pouco reconhecida inclusive por quem deveria ter um conhecimento e deveria valorizar mais, ou seja o pessoal da educação. As próprias políticas educacionais para as bibliotecas escolares. Coloca lá o que, o professor com problema: que deu piti em sala de aula, que está querendo se aposentar etc. Não se contrata um bibliotecário, alguém que não vai fazer um trabalho fácil numa unidade de informação, que vai poder dar uma outra dinâmica no ensino. Então se a própria educação, ela tem esse desprezo, que dizer do resto da sociedade. (Professor B)

- Ela não é reconhecida não. Eu torço para que seja, mas ela não é reconhecida socialmente não. (Professor C)

¹⁸ Ver: CRUZ, Felipe Feitosa *et al.* **Biblio o quê?!**: conhecendo o profissional da informação. 2007. 104 f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2007.

- Eu acredito que hoje desde o final do século, as pessoas têm mais noção do que é ter um bibliotecário, do que é ter uma biblioteca organizada, de usar recursos da *Internet* que podem facilitar se ele conhecer algumas estratégias. Aos poucos as pessoas vão reconhecendo isso. (Professor D)

- Não. Começa quando você fala que é bibliotecário. O que que a pessoa fala: biblio o quê? Isso já é sintomático. Por isso que eu falo. Ah! Professora. O que que v. quer? Aí ele diz: Eu quero mostrar que a Biblioteconomia... Eu digo: então mostre fazendo. Você não precisa discursar porque ninguém vai escutar o seu discurso. Faça! Ah! Eu acho que a biblioteca tem um papel muito fundamental na ação cultural. Não discursa. Mostre então. Faça. Não espere que o empresário chegue e fale assim: olha bibliotecário você é muito importante! Que lindo o seu trabalho! Ninguém chega [...] para falar assim! Você é que tem que mostrar no seu dia-dia a sua competência. Dando respostas efetivas. (Professor E)

- Eu acho que não. Não tem. Tirando o meio acadêmico, [...] o bibliotecário é o cara que toma conta da biblioteca. Bibliotecário é o cara que está lá na biblioteca. E acabou. [...] Uma das coisas que me espantou, não sei onde é que eu li, conversando com um estrangeiro, bibliotecário e médico nos Estados Unidos, por exemplo, têm o mesmo *status*. [...] Pessoal fala bibliotecário, poxa bibliotecário tem *status* como se fosse médico, como se fosse engenheiro. [...]. (Professor F)

Essa pouca visibilidade social talvez explique um pouco do tom queixoso, ou crítico ou catastrófico que a literatura técnica sobre o bibliotecário apresenta. E esse ressentimento é perceptível para as pessoas de fora da profissão conforme depoimento do Professor E:

A minha filha [...] faz psicologia. Um evento em Brasília, esse último evento CBBD¹⁹, em Brasília, eu tive que [...] apresentar o trabalho porque a outra autora não podia. [...] E ela tinha que fazer também uma coisa lá em Brasília, então eu disse vamos [...]. Então ela ficou lá quietinha assistindo os trabalhos enquanto eu estava esperando a minha hora. Depois ela falou assim: meu deus, porque que o bibliotecário tem assim tanta necessidade de falar assim eu sou importante, eu sou importante. Vocês não estão convencidos de que vocês são importantes? Você já viu um médico falar assim para a sociedade: eu sou importante viu?! eu sou importante!

Ela até brincou com o Prof. [...]: Prof. [...] quando eu me formar eu vou escrever um livro auto-estima para bibliotecário. Porque eu nunca vi um pessoal que não acredita na sua importância! Ela é do terceiro ano de psicologia e fez essa leitura pelas apresentações dos trabalhos que estavam lá.

Esse complexo de inferioridade é repassado de várias formas, mais ou menos subliminares, no contexto da profissão e fora dela. Esses relatos requereriam também investigação mais aprofundada, para verificar a causa e as razões de os bibliotecários não saírem dos cursos com confiança no que sabem e no que podem apresentar aos seus empregadores reais e potenciais. Certamente não é tarefa fácil reunir todos esses pontos e identificar de que modo é preciso trabalhar a construção desse profissional de forma que ele ingresse no exercício profissional consciente de suas dificuldades, mas também de sua capacitação. Inclusive pensando nas reflexões do Professor F sobre a duração e o conteúdo do curso e sua perspectiva de formação:

¹⁹ CBBD – XXII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, ocorrido em Brasília, em julho de 2007.

[...] o Brasil não precisa de arquitetos, o Brasil não precisa de médicos, o Brasil não precisa de veterinários. Nem de bibliotecários, nem de arquivistas. Não precisa! Acabou a fase que a gente precisava desses profissionais a qualquer preço. O Brasil precisa de bons veterinários, bons médicos, bons arquivistas, bons bibliotecários. Acabou não é mais quantidade. [...] Quem quiser ser portador de diploma vai sumir na multidão. Tem que ser bom. [...] Senão você vai se perder na multidão. (Professor F)

- A pós-graduação em Ciência da Informação –

As perguntas relacionadas a esse tópico tinham, inicialmente, o propósito de identificar a visão dos professores acerca do exercício profissional dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia em ambientes e serviços de informação. Dessa questão derivaram-se outras, como a atração que esses cursos têm, ou não, para os próprios bibliotecários.

Para o Professor A, por exemplo, ambas as questões receberam a mesma resposta, ou seja, segundo sua percepção, tanto os bibliotecários pós-graduados quanto aqueles oriundos de outros cursos, somente terão melhores oportunidades dependendo da própria pessoa, pois “[...] não é a pós-graduação que fará diferença. Se teve um desempenho medíocre como aluno, como profissional, a pós-graduação não fará milagre, continuará sendo medíocre.”

Em certo sentido os demais professores ponderam na mesma direção, reconhecem que a pós-graduação pode diferenciar o exercício profissional, no caso dos bibliotecários, mas que a atração não é tão forte:

- Em relação aos meus alunos vários demonstraram interesse em fazer pós-graduação. Em continuar e seguir uma carreira acadêmica. Agora, a experiência que eu tive lá na ECA, metade do pessoal vem de outras áreas. Muita gente que estava fazendo lá, pessoal já mais velho, que esgotou seus recursos profissionais, voltou a estudar agora, ou porque cansou um pouco do que estava fazendo ou porque sentiu necessidade, mas de modo geral pelo menos lá em São Paulo, a gente percebe é que o pessoal espirra para o mercado de trabalho mesmo. Isso é fato. (Professor B)

- Eu acho que a pós-graduação em Ciência da Informação ele trabalha melhor essa concepção de interdisciplinaridade. [...] ela não prepara tecnicamente, mas ela acorda o profissional. Acorda porque vê a necessidade de você estar articulando com outras disciplinas, de estar formando uma *gestalt* nova. Eu acho que a pós ela contribui muito para a formação do bibliotecário. (Professor C)

- Com relação a se eles têm uma maior inserção eu acredito que sim. A gente vê hoje, por exemplo, nós temos muitos bibliotecários de bibliotecas universitárias indo fazer o mestrado. Melhora a interlocução com os professores e os pesquisadores. Porque sempre o pesquisador quanto mais elevado o nível de sua titulação, menos ele quer se esclarecer para perguntar as coisas. Infelizmente a gente vê isso nas áreas. E um bibliotecário em uma biblioteca universitária às vezes é considerado mais um funcionário da universidade. Se ele

é um mestrando ou um doutorando, ou se ele já é um doutor, já é tratado diferente. Ele não é um funcionário comum. Ele é um igual. E até a forma de você conversar com ele e saber qual a pesquisa que ele está fazendo, em que fase da pesquisa ele está, para poder auxiliá-lo. Quando a pessoa só fez graduação ela não sabe desses problemas, ela não passou por eles. Então ela não entende a aflição de alguém que precisa daquele material agora. (Professor D)

Sobre essas questões o Professor E observou que muitos alunos reclamam de terem que concorrer com pessoal da informática para fazer os cursos de pós-graduação em Ciência da Informação. De acordo com sua visão, entretanto, não é com reserva de vagas para bibliotecários nesses cursos que essa situação terá solução:

Não existe sorte nisso. Ou você pára e estuda, e estuda seriamente, ou você vai ficar fazendo cinco anos e vai ficar se sentindo coitadinho o tempo todo. Ah! porque tem que ficar concorrendo com a informática. Vai ter que concorrer com a informática sim! Vai ter que concorrer com a administração sim! Porque essa é a realidade. Porque se você for para uma empresa para [...] ocupar o seu lugar vai ter que concorrer com esses profissionais também. Mostrar para o que [...] vocês vieram. Então essa história da reserva de vaga para Biblioteconomia em pós-graduação, isso não tem a menor lógica!

Para o Professor F, a pós-graduação também é um fator importante para melhorar a competitividade dos bibliotecários. De acordo com suas palavras, o ingresso de pessoas de outras áreas contribuiu para aumentar o nível intelectual desses cursos:

Eu acho que agora o interesse é maior. [...] Eu acho que o engajamento na pós do bibliotecário também é maior. Porque quando a pessoa entra na pós, com a maior parte não é bibliotecário, tem um impacto tecnológico muito grande, [...] não só o nível intelectual é muito grande, mas vem com toda uma parafernália tecnológica que o bibliotecário se assusta. O que eu estou sentindo é que cada vez mais o bibliotecário que entra na pós ele não tem tanto medo quanto ele tinha, embora alguns alunos realmente sentem o impacto e refugam. [...] Ele olha, vê o nível e fala: eu tenho que me preparar mais. Senão eu não dou conta. O nível da pós eu acho que aumentou consideravelmente, a partir do momento em permitiu que o pessoal [de outras áreas] viesse. [...] Você vê pessoas inteligentíssimas assim, que você diz o cara podia estar em qualquer universidade no Brasil, mandando bala. Se ele é bibliotecário ou não, não interessa. Ainda bem! Porque isso significa que o bibliotecário que conseguir sobreviver nesse meio ele está pronto para qualquer coisa inclusive para pós em outras áreas. (Professor F)

Os dados dos questionários para essa pesquisa²⁰ indicam que os bibliotecários com pós-graduação, especialmente mestrado e doutorado possuem uma visão mais positiva da profissão e estão entre os maiores salários. De todo modo, há outras variáveis nesse mundo da pós-graduação que é o exercício dos pós-graduados em Ciência da Informação sem graduação em Biblioteconomia. Sobre esse ponto alguns docentes não se manifestaram diretamente acerca dessa questão, reconhecem que

²⁰ Ver Autor (2008).

os cursos atraem perfis diferenciados, alguns acreditam que esses pós-graduados estão preparados para atuar em determinados segmentos de informação, mas não todos, e que a entrada deles nos cursos tem contribuído positivamente para os próprios bibliotecários que também optam por seguir a linha de educação continuada com cursos *stricto sensu*.

Sobre esse ponto destaca-se a colocação do Professor E:

Teve inclusive uma reunião aqui [...] que o Conselho questionou essa situação. Olha o nosso papel, enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão é qualificar e não discriminar. Então eu não posso falar com o pessoal da informática [que] eu não vou qualificar vocês, porque isso é discriminação. O meu papel é formar. O exercício profissional, aí é coisa de vocês. [...] A gente não pode fechar a porta para outros profissionais, porque a combinação dos conhecimentos de diversos profissionais é uma combinação interessante. Mas existe um campo em que só o pessoal da informática vai poder atuar, um campo que só os bibliotecários vão poder atuar e um campo que só os administradores vão poder atuar. Aí é questão dos Conselhos de resolverem. Mas eu acho que o nosso papel, enquanto instituição de ensino superior a gente está fazendo. Legislação é outra questão. (Professor E)

Estimular o acesso de um determinado perfil em detrimento de outros aos cursos de pós-graduação evidentemente não é solução nem jamais se preconizaria esse caminho. Mas estudar mecanismos de estímulo para ingresso dos bibliotecários e também para manter esses mestres e doutores com formações em outros cursos de graduação, com interesse mais longo na área seria uma forma de manter o espírito trans e interdisciplinar que tanto se reforça nos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação.

5 Conclusões

Os docentes entrevistados retrataram com fidelidade o que acontece no Brasil em relação à formação e à atuação dos alunos de Biblioteconomia e seus depoimentos reproduzem o que já foi apontado na literatura por Castro (2000a)

Percebeu-se, nas entrevistas dos professores, a visão da profissão, do curso, do estágio e, principalmente, sobre como o aluno de Biblioteconomia é visto. Os entrevistados relatam que percebem, na fala dos seus alunos, o desinteresse pelo curso, aqueles que se preocupam em apenas ter diploma e a visão estereotipada da profissão, mas relatam experiências de alunos que superaram

esses desafios e que passam a agir com entusiasmo e dedicação, também relacionada com a atitude dos próprios docentes.

Os professores também reconhecem outros problemas que são apontados sobre o curso, sobre a profissão e sobre o mercado, mas as sugestões sobre as ações que deveriam ser tomadas não ficaram evidenciadas. Outras variáveis importantes para uma reflexão sobre o curso foram citadas: a inclusão do tema relacionado à ética, o tipo de estágio que deveria ser escolhido e o acompanhamento mais direto dos professores em uma parceria com os profissionais em atividade, as disciplinas que deveriam ser retiradas e outras que deveriam ser eleitas para proporcionar uma melhor formação e reforçar a auto-imagem e, por consequência, a auto-estima. A dicotomia entre a tecnologia e o social também aparece de modo mais evidenciado, assim como a divisão entre o cultural e a prática, como se fossem excludentes.

Se a escola não pode prever todas as possibilidades para fornecer uma formação completa, em que fossem contempladas todas as possibilidades curriculares, por outro pode concorrer para que o aluno consiga superar a escolha inicial não vocacionada e perceba a riqueza e as possibilidades da carreira, alterando seu comportamento passivo e desinteressado. A condição social do aluno de Biblioteconomia, por exemplo, é mostrada como fator limitante, mas a educação oferecida pode diminuir a lacuna da deficiência da formação de base, além dos estágios, que podem ser, em muitas ocasiões, um aliado da formação, quando bem selecionado e acompanhado por um professor orientador, que poderá perceber as distorções da aprendizagem ou o quanto aquele aluno foi positivamente influenciado pelos profissionais em exercício.

Finalmente, parece que todos os docentes entrevistados compreendem e percebem seu papel fundamental na visão da profissão dos futuros bibliotecários. Também ficou evidenciado que os professores dos cursos de formação de bibliotecários têm uma noção clara de que a despeito de muitos problemas que percebem, igualmente acenam para que a área encontre um caminho que possibilite que os egressos dos cursos encontrem satisfação e realização profissional, ainda que suas escolhas não tenham sido orientadas por conhecimento prévio da carreira e da profissão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de; FREIRE, Isa Maria. Conhecimento para o desenvolvimento: reflexões para o profissional da informação. **Revista Informação & Sociedade: Estudos**, v. 9, n. 1, 1999. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev9n199.html>> Acesso em: 4 nov. 2002.

BAPTISTA, Sofia Galvão. **Habilidades necessárias para o profissional atuar na era da informação**: uma reflexão sobre as tendências do mercado. Trabalho apresentado no XXI CBBD, Fortaleza, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2007. 223 p.

BERAQUET, Vera Silvia Marao; VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Competências exigidas do profissional da informação e novas estratégias de formação. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES, 3.; ENCUESTRO DE DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTEOLOGÍA DEL MERCOSUR, 2., Santiago de Chile, 1998. **Formación de recursos humanos en el área de la información en el Mercosur**: compatibilización curricular; competencias del profesional de la información en el Mercosur. Disponível em: <<http://www.utem.cl/deptogestinfo/extension.htm>>. Acesso em: 30 out. 2002.

BLATTMANN, Ursula; RADOS, Greggório J. Varvakis. **Bibliotecários na sociedade da informação: mudança de rótulos, funções ou habilidades?** Disponível em: <http://www.geocities.com/ublattmann/papers/biblioSI_18.html>. Acesso em 22 out. 2002. Artigo apresentado no 18. Painele de Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, 22 out. 1999.

CASTRO, César Augusto. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CASTRO, César Augusto. Profissional da informação: perfis e atitudes desejadas. **Revista Informação & Sociedade**, v. 10, n. 1, 2000a. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev10n100.html>>. Acesso em: 16 out. 2002.

ESTABROOK, Leigh. The growth of the profession. **College & Research Libraries**, v. 50, n. 3, p. 287-296, 1989.

FEATHER, John. The information profession. In: _____. **The information society**: a study of continuity and change. London: Library Association, 1994. cap. 7, p. 133-153.

FIGUEIREDO, Nice (Coord.). **O ensino de Biblioteconomia no Brasil**: relatório de equipe de pesquisa sobre o *status quo* das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente. Brasília: MEC/CAPES, 1978. v. 1, 145 p. v. 1 - Análise e caracterização de entidades e do pessoal docente.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. 153 p.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, v. 9, n. 1, jan./abr. 1997. Disponível em: <<http://www.puccamp.br/~biblio/guimaraes91.html>>. Acesso em: 28 out. 2002.

HENCZEL, Sue. **Translating the SLA competencies into business competencies**. Disponível em: <www.sla.org/content/Events>. Acesso em: 22 out. 2003. Conference Paper da SLA em 2002, em Los Angeles, California.

MARCHIORI, Patricia Zeni. Bibliotecários, jornalistas e informáticos: a ocupação de posições relativas no campo de atividades de informação. **Transinformação**, v.8, n.1, jan./abr. 1996. Disponível em: <<http://www.puccamp.br/~biblio/marchi81.html>>. Acesso em 31 out. 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. Ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 406 p.

MOORE, Nick. A sociedade da informação. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **A informação**: tendências para o novo milênio. Brasília, 1999. p. 94-108.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.

NEVES, Elisabete da Cruz; LONGO, Rose Mary Juliano. Atuação do profissional da informação na gestão do conhecimento. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23/24, p. 161-172, 1999/2000. Número Especial.

PASSOS, Rosemary; SANTOS, Gildenir Carolino. Formação da identidade profissional do bibliotecário: o desenvolvimento de competência e habilidades na área educacional. In: _____ (Org.). **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. 2. ed. rev. Bauru: Kairós, 2005. p. 9-28.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar. **Pesquisa e pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil**: duas fases (1970/85 - 1986/92). São Paulo: ECA/USP, 1992. 12 p. *Paper* submetido ao XII Encontro de Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, ECA/USP, março 1992.

ROBREDO, Jaime. Considerações prospectivas para as próximas décadas sobre a evolução da tecnologia da informação no Brasil. II. O perfil dos novos profissionais da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 22, n. 3/4, p. 13-31, jul./dez. 1989.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990. 116 p.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do curso de Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2002.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional “bibliotecário” no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. 18, 2º sem. 2004. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_18/6_O_nome_profissional.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2007.

STEVENS, Norman D. The last librarian: in the twilight of a profession, a stereotype dies but her bun lives on. **American Libraries**, v. 32, n. 9, p. 60-64, Oct. 2001.

UNGERN-STERNBERG, Sara von. **The role of the information professional in the new learning environment**. Disponível em: <<http://www.abo.fi/~sungern/learning.htm>>. Acesso em 11 ago. 2003. Apresentado no Workshop Libraries for a global Future, em Kent, Reino Unido, abril de 2000.

URRA, Cristián Valenzuela. Competencias profesionales de los egresados de la carrera de bibliotecología de la Universidad de la Playa Ancha de Ciencias de la Educación : una propuesta para Mercosur. **Transinformação**, v. 13, n. 1, p. 93-99, jan./jun. 2001.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles Walter. **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4037. Acesso em: 26 out. 2008.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. **Encontros Bibli** (UFSC), v. 13, p. 84-103, 2008.

Abstract

Representations of the librarian profession are analyzed under the Librarianship and Information Science teachers. Data reflects how the interviewed teachers feel on various subjects such as: the students, the course, the profession and the representative librarians agencies. Most of them consider that the students do not enter the course by vocation, they are from lower socio-economic classes, they have a weak basic education and are not interested in the career, but only in getting a diploma. These teachers pointed out some problems on the way subjects are taught at Faculty, on the way teachers act and work towards the students improving their knowledge and changing their attitudes.

Keywords: Librarians. Librarian and Information Science Teachers. Professional education.

Originais recebidos em: 15/11/2008

Aprovado em: 13/07/2009